



---

Comunicação oral: Eixo 5 – Educação Superior

## **O RITO TRANSFORMA? VIDA ESTUDANTIL E TRANSIÇÕES NA UNIVERSIDADE: OLHARES A PARTIR DA MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL**

Karla Maria Lima Figueiredo Bené Barbosa – Universidade Federal da Bahia (UFBA)\*  
Sônia Maria Rocha Sampaio - Universidade Federal da Bahia (UFBA)\*\*

---

**Resumo:** Pensamos a mobilidade acadêmica internacional na perspectiva das experiências que participam da formação do estudante. E, por esta razão, acreditamos que o ingresso na mobilidade é um ritual de iniciação, de passagem, uma ruptura em relação ao passado. Cumprir o ritual da mobilidade significa ser aceito, fazer parte de algo muito maior, ser legitimado como membro da esfera internacional do mundo acadêmico. Este trabalho é parte dos estudos desenvolvidos para a elaboração da tese “Novos itinerários, horizontes e fronteiras: as transições desenvolvimentais dos estudantes em mobilidade acadêmica internacional” que apresenta reflexões sobre a formação discente construída nas vivências de estudantes que participam de programas de mobilidade acadêmica internacional. Numa perspectiva interdisciplinar, partimos de uma abordagem interacionista e compreensiva, e deste modo, este estudo teórico e reflexivo, assume um caráter exploratório e baseia-se, fundamentalmente, em recursos bibliográficos.

**Palavras-chave:** Ritos de passagem. Vida universitária. Mobilidade acadêmica internacional.

### **Introdução**

A vida universitária pode ser considerada como uma passagem, no sentido etnológico do tempo. A passagem da condição de aluno para a de estudante. Em geral, quando os jovens saem do ensino médio são desafiados a definir um projeto de futuro e assim, a entrada na universidade é marcada por processos complexos de transição e adaptação.

Para Guimarães e Silva (2016) o processo de transição caracteriza-se pela sua singularidade, diversidade e complexidade; as transições são os resultados de mudanças na vida, na saúde, nos relacionamentos e ambientes. De acordo com os autores, as transições desencadeiam mudanças que podem estar relacionadas a eventos críticos ou desequilíbrios, que levam a alterações nas ideias, percepções, identidades, relações e rotinas e para compreendê-las é fundamental identificar os efeitos e seus significados.

Nesta perspectiva, compreendemos por transição, o modo de passar de um estado para o outro, ou de um período para outro, considerando um processo de mudança entre as duas situações. Uma transição ocorre quando um acontecimento provoca mudanças em

---

\*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia – (UFBA).

\*\*Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia – (UFBA).



relacionamentos, nas rotinas, nos papéis desempenhados pelo indivíduo, afetando o conceito acerca de si mesmo ou acerca do mundo.

Partimos então, do entendimento de que a entrada no ensino superior marca o início de uma nova etapa para o estudante, simbolizando a transição para o desconhecido. Quando um jovem ingressa no ensino superior, uma transição ocorreu, isto é, seu papel foi alterado, assim como as suas responsabilidades, tarefas e relações. A entrada e a saída do ensino superior consistem em uma situação de transição, de descontinuidade da normalidade experienciada, de mudanças dos papéis sociais, das rotinas e dos relacionamentos.

A transição não é apenas uma mudança, mas, também, a sua percepção e o seu impacto na vida do indivíduo; envolve a identificação da situação, os fatores determinantes das respostas e o reforço dos recursos individuais. Para Pais (2009, p.4) “as trajetórias de vida são singulares, mas inscrevem-se em regularidades que têm marcas culturais”, ainda que cada indivíduo viva singularmente a sua própria trajetória. E, assim, nenhuma transição é experienciada da mesma forma por dois indivíduos, ou seja, o que acontece a um, não necessariamente acontecerá a outro.

As condições do indivíduo, como a existência de uma rede de apoio familiar, de recursos, de representação social e de estereótipos, podem dificultar ou facilitar a transição (GUIMARÃES; SILVA, 2016). Deste modo, a transição está centrada nas mudanças ao longo da vida dos jovens, e estes são responsáveis por avaliar o significado das diferentes situações, das mudanças ocorridas e o modo como todos estes acontecimentos afetam o seu bem-estar. Está disposta em situações desafiantes, previsíveis ou não, resultam em mudanças de comportamento em descobertas e escolhas. E, neste sentido, para cumprir a transição com sucesso, é necessário desenvolver novas competências desencadeando respostas positivas, capazes de restabelecer a sensação de bem-estar (GUIMARÃES; SILVA, 2016).

Quando os estudantes ingressam na universidade estão imersos em expectativas e desejos de pertencer a uma comunidade acadêmica como indivíduos posicionados e participativos. Assim, uma das primeiras ações que os jovens realizam quando chegam à universidade é romper com seu passado imediato e, esta entrada sinaliza um mundo desconhecido, uma mudança de referências, uma transição.

Borges (2013) acrescenta que, ao explorar esse novo mundo, os estudantes adquirem novas experiências e “sabem que podem voltar sempre ao porto seguro e serem confortados e protegidos quando se encontram em apuros. Esse sentimento colabora para que identifiquem que, tão logo estejam aptos, possam partir para outras aventuras” (p.162). Para o autor, os jovens podem ser protegidos, para além das relações de pertencimento com os pais, professores e colegas, mas pelo êxito na execução de tarefas que valoriza.

Coulon (2008) destaca que a passagem para a universidade demanda do estudante a organização de três aspectos fundamentais do seu cotidiano: o tempo, o espaço e a sua relação com o saber. No aspecto do tempo, as aulas não têm mais a mesma duração, o volume e o tipo de trabalho a ser realizado vão requerer um maior esforço intelectual e uma melhor organização. No quesito espaço, é importante aprender a localizar os espaços de maior frequência como departamentos, secretarias e bibliotecas. Quanto à relação com o saber, é fundamental desenvolver a capacidade de interpretação das normas institucionais, exigências e expectativas dos professores.

Este trabalho é parte dos estudos desenvolvidos para a elaboração da tese “Novos itinerários, horizontes e fronteiras: as transições desenvolvimentais dos estudantes em mobilidade acadêmica internacional” que apresenta reflexões sobre a formação discente construída nas vivências de estudantes que participaram de programas de mobilidade acadêmica internacional. Numa perspectiva interdisciplinar, partimos de uma abordagem interacionista e compreensiva, e deste modo, este estudo teórico e reflexivo, assume um caráter exploratório e baseia-se, fundamentalmente, em recursos bibliográficos.

### **Vida estudantil e os ritos de passagem**

Consideramos que os ritos expressam as regras e os valores que orientam o comportamento dos indivíduos em grupo e em sociedade, demarcam sentido às transições da vida dos jovens, configuram um antes e um depois, apresentam rupturas com o cotidiano, uma espécie de integração entre o passado, com suas identificações e conflitos, e o futuro, com suas perspectivas e possibilidades.

Os ritos podem ser compreendidos como uma passagem de um período a outro, onde o indivíduo se desvincula da condição anterior (GENNEP; 2013); um fenômeno dotado de um conjunto de significados e mecanismos recorrentes no tempo e no espaço (DA MATTA; 1977). Para Borges (2013), representam regras de conduta que guiam o comportamento dos indivíduos, envolve ações convencionadas e reconhecidas pelos membros de determinado grupo; o rito é uma passagem obrigatória.

Os ritos de passagem ocorrem sempre e variam nas suas formas de manifestação. Em algumas sociedades, podem ser realizados de forma bem marcada, e em outras de maneira mais sutil, e representam o transpor de uma barreira, a passagem ou deslocamento de um estado ou "mundo" para outro, mais profundo e amadurecido. E assim, qualquer grupo tem seus ritos.

Desde o portão de entrada da universidade, tudo é ritualizado. As passagens no ambiente acadêmico coincidem com as passagens de vida, momento de intensidade emocional em que



os sentimentos afloram e os estudantes têm a oportunidade de vivenciá-los, absorvê-los e se entregarem a eles. Rituais e ritos de passagem ocupam esse ambiente e são reconhecidos como processos de educação. Dialogam com ritos, autores como Da Matta (1977), Gennep (2013) e Pais (2009).

Turner (1974) influenciado por Arnold Van Gennep destaca que sua obra “O Processo Ritual” foi escrita para antropólogos, mas despertou a atenção de historiadores, psicólogos e críticos literários. Para o autor, a ênfase sobre a sociedade como processo vital com episódios marcados por fases mostra ser de mais fácil compreensão para esses especialistas do que as orientações das escolas de sociologia. Deste modo, sobre os rituais de passagem, Turner realizou um trabalho de campo com o povo Ndembu da Zâmbia e apresentou os conceitos de liminaridade e *communitas* para compreender ritos de passagem, os quais denomina de ritos de investidura.

O autor concebe a ideia de liminaridade como uma condição transitória, pois, durante o período limiar, as características do indivíduo são ambíguas, não é possível categorizá-los plenamente, apresentam-se indeterminados; os indivíduos tem poucos, ou nenhum dos atributos do passado ou do estado futuro, ocupam um entre-lugar indefinido, não se situam aqui nem lá; não fazem parte de nenhuma posição socialmente estabelecida.

Neste entendimento, consideramos que a mobilidade acadêmica internacional possui algumas características que remontam à fase liminar, das transições. Nas palavras de Turner (1974, p.118), “nas iniciações com longo período de reclusão, [...], há frequentemente urna rica proliferação de símbolos liminares”. Deste modo, a liminaridade transforma o estranho em familiar, e vice-versa, permite identificar ainda, o que seria o “estranhável” e o “familiarizável”.

No aspecto do conceito de *communitas*, Turner revela sua preferência pela utilização dessa palavra à noção de comunidade, “para que se possa distinguir esta modalidade de relação social de uma área de vida em comum” (1974, p. 119); o caráter da *communitas* está baseado em relações sociais e não em pertencimentos territoriais. Turner trazia a ideia de *communitas* como o modo de interação dos agrupamentos de indivíduos em condição não hierárquica, sem distinções de idade, parentesco e sexo; todos os membros são iguais permitindo-lhes compartilhar uma experiência comum por meio de laços que os unem.

Assim, conceitos de liminaridade e *communitas* derivaram da expansão da abordagem do ritual aos processos sociais como um todo. Os ritos estão presentes em toda a obra de Victor Turner.

Acerca dos ritos, diz Da Matta (1977, p.10):



o rito igualmente sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de controlar e libertar, nesta constante transformação do mundo e de si mesmo que está inscrita no verbo viver em sociedade.

Borges (2013) enfatiza que o rito se volta para as relações sociais, coloca o indivíduo em relação com a coletividade, tirando-o do isolamento. Deste modo, quando tratamos de vida universitária, tratamos de ritualização, de passagem, de afiliação. Neste entendimento, o aprendizado para lidar com as regras acadêmicas e institucionais, com vistas a não fracassar é condição fundamental na trajetória estudantil (OLIVEIRA; SILVA, 2018).

### **A mobilidade acadêmica internacional: entre os ritos e a transformação**

Entendemos que a educação é necessária para promover a formação de indivíduos aptos a interagir criativamente com a informação, contribuindo desta forma, para a construção do conhecimento (BERNHEIM; CHAUI, 2008). Em vez de fornecer aos estudantes treinamento profissional para um mercado de trabalho em constante mudança, as universidades fomentam o desenvolvimento de competências e é nesse aspecto que, a educação e a experiência internacionais parecem oferecer um grande potencial para aprimorar habilidades cognitivas, exigidas por esse novo contexto (GACEL-ÁVILA, 2005).

Deste modo, compreendemos que a dimensão internacional deve constituir um recurso educativo relevante para a formação de cidadãos com uma perspectiva crítica, autonomia e uma preparação adequada para o trabalho e para a vida. As universidades têm como missão, colaborar para o desenvolvimento humano e profissional, por meio da transferência de conhecimentos quem cruzam fronteiras em busca de soluções comuns e da promoção da circulação do saber. Para atender este objetivo, as instituições estabelecem a formação de redes de universidades internacionais, parcerias para pesquisa e o intercâmbio de estudantes e profissionais (CASTRO; NETO, 2012).

Os programas de mobilidade estudantil internacional objetivam oportunizar a qualificação dos estudantes através de experiências adquiridas com a vivência no exterior, com a participação em atividades acadêmicas nas instituições de ensino superior por meio de acordo de colaboração bilaterais; representam uma oportunidade para a formação de cidadãos globalmente competentes capazes de interagir em ambientes multiculturais (STALLIVIERI, 2017).

Neste cenário, a mobilidade acadêmica internacional possibilita ao estudante permanecer durante um período em outro país, através do estabelecimento de um vínculo temporário com uma instituição de acolhimento, retornando à sua instituição de origem ao final do tempo de afastamento para então, dar prosseguimento e conclusão da sua formação acadêmica. Este processo permite que ele possa viver em outro país por um determinado período, interagir



com pessoas diferentes, desenvolver a capacidade de aprender, de adaptar-se à cultura e ao lugar (QUIROGA, 2020). A mobilidade então, pode ser percebida como um fluxo que vai além da passagem de um território para o outro, que envolve algum tipo de mudança e movimento, tanto na capacidade geográfica, linguística, social e cultural (MURPHY-LEJEUNE, 2013).

Consideramos esta prática, como uma oportunidade significativa de aperfeiçoamento, de aquisição de novos conhecimentos técnico-científicos e de ampliação das vivências acadêmicas, decorrentes das experiências adquiridas e dos contatos estabelecidos com os nativos, os colegas de curso, com os docentes e demais membros da comunidade acadêmica envolvidos com as instituições receptoras; permite também, maior aproximação com a pesquisa, a extensão e demais áreas de interesse dos estudantes (SANTOS; DIAS, 2012).

Também vislumbramos outros objetivos da mobilidade que incluem: valorização da diversidade; encorajamento de amizades internacionais; compreensão de outras culturas e, portanto, da própria; enriquecimento de oportunidades educacionais; acesso a recursos ou métodos de pesquisa não disponíveis no campus de origem; desenvolvimento de oportunidades educacionais e profissionais. A experiência internacional oportuniza ainda aos estudantes, uma socialização acadêmica ampliada, o desenvolvimento da consciência de si mesmo como capaz de prover soluções e enfrentar os desafios acadêmicos e profissionais.

Deste modo, a experiência de mobilidade pode ser enriquecedora para os estudantes, possibilita conhecer não apenas um outro país, mas outros estudantes, outros professores, outra universidade, outros métodos de ensino e outras culturas; permite vivências marcantes e observações significativas sobre a vida dos habitantes, seus costumes e interesses. A experiência é muito rica, marcada com aprendizados em diferentes contextos e transformações pessoais (QUIROGA, 2020).

Para Martinez (2019) a mobilidade é uma boa prática para atuar em tempos globais, uma oportunidade pela qual os estudantes vivenciam um mundo de diversidade cultural, logo, o papel das universidades é prepará-los para avaliar da melhor forma suas experiências no exterior. Neste aspecto, Andrade e Teixeira (2009) destacam a recente preocupação com o aconselhamento e o acompanhamento dos estudantes por parte das universidades quanto aos serviços de apoio e orientação.

Os autores refletem sobre o processo da mobilidade, suas peculiaridades, transições e seus rituais que compreendem desde a seleção de candidatos, preparação para a saída de seu país, providências quanto a moradia adequada, documentação e exigências legais de imigração, compreensão da língua, adaptação ao clima, alimentação, costumes e cultura do país até o retorno ao país de origem.

Durante esta trajetória, os estudantes precisam “aprender uma grande variedade de papéis culturalmente definidos e não familiares num curto período de tempo, sob considerável estresse” (ANDRADE; TEIXEIRA, 2009, p.34). Desta forma, alguns estudantes podem apresentar dificuldade de adaptação, pouca integração social, ou até mesmo, depressão e ansiedade; por isso, a importância de as universidades desenvolverem programas e/ou serviços para integração do estudante à vida acadêmica, uma pedagogia de afiliação, com ações de ambientação no espaço universitário permitindo ao indivíduo ascender à competência requerida para um estudante (COULON, 2008).

### Considerações finais

A experiência de mobilidade é enriquecedora para os estudantes e para sua futura vida profissional, momento que carrega aprendizados e crescimentos múltiplos responsáveis por transformá-los; é um fluxo que colabora para transformar jovens em adultos, habilitá-los para o autoconhecimento, para o crescimento pessoal e para o protagonismo da sua própria história.

Observamos que a mobilidade acadêmica internacional implica deslocamentos culturais e relações de alteridade, esta espécie de encontro cultural causa desde estranhamento até sentimento de pertencimento, possibilitando aos estudantes que se submetem à experiência do intercâmbio a riqueza desse movimento e a possibilidade de perceber a diversidade das relações humanas, as diferenças culturais e a vivência cosmopolita no cotidiano.

Por possuir características semelhantes ao rito de passagem, a mobilidade pode ser considerada como um rito; marcada pelo afastamento dos amigos e familiares, pelo período que estão fora do país estudando e pelo momento do retorno para casa e para a instituição de origem, com as vivências e experiências adquiridas e com as novas mudanças que este novo momento pode causar.

### Referências

ANDRADE, A. M. J.; TEIXEIRA, M. A. P. Adaptação à universidade de estudantes internacionais: Um estudo com alunos de um programa de convênio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, n.10, v.1, p. 33-44, 2009.

BERNHEIM, C. T.; CHAUI, M. *Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da Conferência Mundial sobre Educação Superior*. Brasília: UNESCO, 2008.

BORGES, P.R. *O declínio dos ritos de passagem e suas consequências para os jovens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Senai Editora, 2013.

CASTRO, A. A.; NETO, A. C. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. *Revista Lusófona de Educação*, n. 21, p. 69-96, 2012.



COULON, A. *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Tradução: Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: Edufba, 2008.

GACEL-AVILA, J. The Internalization of Higher Education: A Paradigm for Global Citizenry. *Journal of Studies in International Education*, New York, v. 2, p.121-136, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1028315304263795> . Acesso em: 02 fev. 2019.

GENNEP, A.V. *Os Ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Tradução de Mariano Ferreira. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, M.S.F.; SILVA, L.R. *Conhecendo a Teoria das Transições e sua aplicabilidade para enfermagem*. Rio de Janeiro, RJ, 2016. Disponível em: <https://journaldedados.files.wordpress.com/2016/10/conhecendo-a-teoria-das-transic3a7c3b5es-e-sua-aplicabilidade.pdf>. Acesso em: 07 mar.2021.

MARTINEZ, C. A. F. ¿Por qué Chile? Un análisis post crítico sobre los discursos de escala en la movilidad académica internacional. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 117-126, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/30148/17871>. Acesso em 07 out 2020.

MATTA, R. *Apresentação*. In: GENNEP, Arnold Van. *Os Ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Tradução de Mariano Ferreira. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1977. pp. 9-20.

MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis, para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ªed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MURPHY-LEJEUNE, E. *L'étudiant européen voyageur: um nouvel étranger*. Paris: Didier, 2013.

OLIVEIRA, G. M. B.; SILVA, R. M. A experiência de afiliação entre estudantes universitários de origem popular: primeiros achados. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 2., 2018, São Cristóvão, SE. *Anais [...]*. São Cristóvão, SE: PPGS/UFS, 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/13005> . Acesso em: 15 jan. 2020.

PAIS, M. *A juventude como fase da vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse*. *Revista Saúde Soc.* São Paulo, v.18, nº3, p.371-387, 2009.

QUIROGA, S. R. Alunos e Internacionalização: Mobilidade Estudantil nos Processos de Internacionalização. *Revista Internacional de Educação Superior*. Campinas, SP, v.6, p.1-14, 2020.

SANTOS, A. P. dos; DIAS, H. G. Mobilidade acadêmica em perspectiva: experiências da Universidade Federal de Ouro Preto. *Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL*, Florianópolis, p. 172-187, jan. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2012v5n4p172>. Acesso em: 24 mai. 2019.

STALLIVIERI, L. *Internacionalização e Intercâmbio: Dimensões e Perspectivas*. Curitiba: Editora Appris, 2017.

TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.





